



Justiça – Misericórdia – Fidelidade

Diretrizes para a fraternidade segundo o Evangelho de Mateus

Justice – Mercy – Faithfulness
Guidelines for the fraternity to the
Gospel of Matthew

*Celso Loraschi**

FACASC

Recebido em: 21/09/2022. Aceito em: 28/10/2022.

Resumo: *A Campanha da Fraternidade/2023, promovida pela Igreja no Brasil, apresenta uma das principais características da prática de Jesus, segundo o Evangelho de Mateus: a partilha dos pães à multidão necessitada. Reflete, com muita probabilidade, a situação em que viviam as comunidades protagonistas deste Evangelho, pelo final do primeiro século. Neste artigo propõe-se a repercutir este provável contexto, bem como as diretrizes para novas relações sociais – justiça, misericórdia e fidelidade – , assumidas pelos participantes destas comunidades, à luz dos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Para aclarar melhor o alcance dessas diretrizes opta-se por uma das parábolas, exclusiva de Mateus – a dos operários da vinha – , a qual indica a necessária mudança de mentalidade, tendo em vista a inclusão de todos no acesso aos recursos, minimamente necessários, para uma vida digna, condição sine qua non para a fraternidade no mundo.*

Palavras-chave: *Comunidades de Mateus. Prática de Jesus. Justiça.*

Abstract: *The Fraternity Campaign/2023, promoted by the Church in Brazil, presents one of the main characteristics of the practice of Jesus, according to*

* Mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos (Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, 2002). Graduação em Teologia (Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, Pelotas, RS, 1992); Graduação em Ciências Sociais (Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense, UNIPLAC, Lages, SC, 1974). Atualmente colabora em assessorias pelo CEBI/SC e em Cursos de Extensão e de Pós-graduação na FACASC.

E-mail: loraschi@facasc.edu.br.





the Gospel of Matthew: the sharing of bread to the needy crowd. It most likely reflects the situation in which the communities protagonists of this Gospel lived at the end of the first century. This article proposes to reflect this probable context, as well as the guidelines for new social relations – justice, compassion and fidelity – , assumed by the participants of these communities, in the light of the teachings of Jesus of Nazareth. To better clarify the scope of these guidelines, one of the parables, exclusive to Matthew – that of the workers in the vineyard – is chosen, which indicates the necessary change in mentality with a view to including everyone in access to the minimally necessary resources for a healthy life. dignity, a sine qua non condition for fraternity in the world.

Keywords: *Communities of Matthew. Practice of Jesus. Justice.*

Introdução

No momento em que escrevo este artigo, o Brasil encontra-se às vésperas de eleições. Um novo presidente, novos governadores, deputados e senadores deverão ser escolhidos pelo povo brasileiro. Em cada eleição renova-se a esperança de um país melhor sob a condução de uma Política voltada aos interesses e necessidades de todas as pessoas. Renova-se a credibilidade nos representantes eleitos cujo poder a eles conferido seja administrado na fidelidade aos valores da verdade, da justiça e da paz social. Valores estes contemplados na própria Constituição Brasileira.¹ Há desafios a serem enfrentados com urgência. A conjuntura brasileira revela que há um clamor enorme que emerge dos corpos de seres humanos sem condições de vida digna. Jogados à própria sorte, muitos morrem prematuramente e muitos outros sobrevivem graças ao assistencialismo e à solidariedade manifestada pelos “bons samaritanos” espalhados por todos os rincões deste país.

Um dos assuntos mais comentados pelas pessoas que se candidatarão nestas eleições no Brasil refere-se à pesquisa realizada em junho de 2022 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN): 33,1 milhões de pessoas sofrem os efeitos da insegurança alimentar.

O número de pessoas que passam fome no Brasil é quase o dobro do registrado em 2020. A pesquisa mostra ainda que somente 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno à alimentação e que mais da metade

¹ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, sobretudo o artigo 5º que trata dos direitos fundamentais da pessoa humana no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 26 jun. 2022.



(58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau.²

O descaso da parte do governo e a indiferença generalizada dificultam a necessária mudança do sistema político-econômico que impede o desenvolvimento de uma sociedade em que os recursos (eles existem!) sejam administrados em vista da vida de todas as pessoas, sem exclusão.

A difícil e lamentável situação em que vivemos não nos autoriza à acomodação. Existem saídas! A humanidade, ao longo de sua história, passou por crises imensas que desafiaram a criatividade na busca de soluções. Estas sempre aparecem quando a boa vontade das pessoas é acionada em vista de um mundo novo: justo e fraterno. É para este objetivo que a Igreja no Brasil, através da Campanha da Fraternidade, nos motiva à mobilização. Como fizeram as primeiras comunidades cristãs, também as de hoje buscam inspiração nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, conforme testemunham os evangelhos.

1 A prática de Jesus

A Campanha da Fraternidade/2023 reflete uma das principais características da prática de Jesus, segundo o Evangelho de Mateus: a partilha dos pães à multidão necessitada. Esta narrativa não é exclusiva de Mateus; encontra-se nos quatro evangelhos por seis vezes: duas vezes em Mateus (14,13-22 e 15,32-39), duas em Marcos (6,30-44 e 8,1-10), uma vez em Lucas (9,10-17) e uma vez em João (6,1-13). Pelo interesse demonstrado pelos quatro evangelistas deduz-se que este episódio no ministério público de Jesus foi de grande inspiração e incentivo à prática das primitivas comunidades cristãs. Demonstra um traço importante do programa de Jesus a ser seguido pelos seus discípulos e discípulas de todos os tempos, dentro do contexto histórico em que se movimentam.

Neste artigo, proponho-me a refletir sobre o provável contexto em que viviam as comunidades protagonistas do Evangelho de Mateus, bem como as diretrizes para novas relações sociais assumidas pelos seus

² INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU. *Brasil no mapa da fome: o desperdício e a economia circular*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619831-brasil-no-mapa-da-fome-o-desperdicio-e-a-economia-circular>. Acesso em: 26 jun. 2022.



participantes à luz dos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Para aclarar melhor o alcance dessas diretrizes optei por uma parábola exclusiva de Mateus, a qual indica a necessária mudança de mentalidade tendo em vista a inclusão de todos no acesso aos recursos, minimamente necessários, para uma vida digna.

2 As comunidades de Mateus

É consenso, entre a maioria dos especialistas em estudos bíblicos, que o Evangelho de Mateus foi escrito pelo final do primeiro século, tendo os judeus cristãos como principais interlocutores. As comunidades estariam localizadas no norte da Galileia e na Síria, sobretudo na cidade de Antioquia. A guerra judaica que culminou com a destruição do templo e da cidade de Jerusalém pelo exército romano, no ano 70, provocou uma profunda crise entre os judeus, levando-os a questionar-se sobre o seu próprio destino como povo eleito. Havia chegado um momento em que se fazia extremamente necessária uma nova organização.

A guerra ocasionou o desaparecimento de vários grupos político-religiosos, como os saduceus e os zelotes. Sobreviveram os grupos de fariseus e escribas que empreenderam grande esforço na reorganização do judaísmo, tendo a sinagoga como instituição central. Um dos líderes, Rabi Johanan Ben Zakai, estabeleceu-se com seus seguidores na cidade portuária de Jâmnia, onde fundou uma academia, a qual exerceu grande influência no processo de implantação do judaísmo formativo que, posteriormente, tornou-se normativo para os judeus em geral. Pouco a pouco foi implantado um rígido sistema legalista com o intuito de manter a identidade judaica, com poder de controle sobre a vida dos judeus espalhados pelo mundo afora, tendo, para isso, o apoio do Império Romano.

Os escribas, pertencentes ao grupo dos fariseus, foram assumindo o papel de exclusividade na interpretação da Lei, com uma série de obrigatoriedades a serem cumpridas, entre as quais a manutenção da pureza racial, impedindo o contato com pessoas estrangeiras. No entanto, as comunidades cristãs, como seguidoras de Jesus Cristo, não faziam discriminação de pessoas. Os judeus participantes dessas comunidades começaram a ser alvo de perseguição sob a acusação de dissidência do povo eleito e, portanto, heréticos. Eram condenados até mesmo em orações diárias estabelecidas pelo judaísmo oficial. Uma delas pedia que



os apóstatas, seguidores do Nazareno, não tivessem nenhuma esperança e fossem apagados do livro da vida.³

As comunidades para as quais o Evangelho de Mateus foi escrito, além da perseguição desencadeada pelo judaísmo formativo, sofriram um acelerado processo de empobrecimento. A maioria dos seus membros provinha de Jerusalém e de seus arredores que, para salvar-se do exército romano, dirigiu-se para outras regiões como o extremo norte da Galileia e para a Síria. Era prática do Império Romano, após a guerra, apropriar-se das terras produtivas.

A situação da Galileia, que já era ruim, piorou. Muitos agricultores se tornaram arrendatários, empregados, meeiros e até escravos. Nessa época, a região da Síria sofreu várias intempéries que causaram grandes problemas nas plantações. Muitos camponeses perderam tudo o que haviam plantado. No campo e na cidade, muita gente estava passando fome.⁴

Neste contexto de penúria entende-se a importância da memória dos ensinamentos de Jesus feita pelas comunidades de Mateus, transmitidos também em forma de parábolas. Não é por acaso que a maioria destas parábolas tem conotação com a realidade socioeconômica em que o povo era submetido.

3 Antioquia da Síria

Capital da província romana da Síria, Antioquia era a terceira maior cidade do Império Romano, depois de Roma e Alexandria. A população estimada era de duzentos mil habitantes. Como era prática comum, o centro imperial mantinha estreita relação com a elite local. Através dela, o Império mantinha controle não somente sobre a população da cidade, mas sobre uma área muito maior. Assim, em mútua fidelidade, eram assegurados privilégios políticos e socioeconômicos aos já bem instalados. “Aqueles com riqueza e *status* elevado recebiam tratamento

³ A maldição aos hereges era assim invocada na oração: “Para os apóstatas, que não haja esperança. O domínio da arrogância elimina rapidamente em nossos dias. E deixa os nazareus e os minim perecer em um momento. Deixa-os ser apagados do livro da vida. E que não sejam escritos junto com os justos” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ele está no meio de nós!* O Semeador do Reino. O Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 1998. p. 22).

⁴ CNBB, 1998, p. 23.



mais favorável que aqueles de níveis inferiores. Reputação e dinheiro funcionavam a favor de um contra outro”.⁵ A localização geográfica tornava a cidade de Antioquia um centro comercial importante, facilitado por várias rotas, tanto terrestres como marítimas, que faziam ligação com todas as principais cidades da época.

A elite mencionada acima era formada por 5 a 10% da população, dividida por diversos grupos com funções de destaque na cidade: políticos, militares, comerciantes... Com base em seu poder político e econômico, mantinha prestígio social e, ao mesmo tempo, exercia o controle sobre os demais habitantes, “compreendendo um leque desde os indigentes até os um pouco ricos, que serviam às necessidades da elite... Eles proviam os ofícios, a força de trabalho e os bens que sustentavam o estilo de vida da elite”.⁶

Segundo o que informa o exegeta Warren Carter, especialista no Evangelho de Mateus, o sustento econômico para este grupo vinha das taxas, juros sobre empréstimos e aluguéis. Dos que não conseguiam saldar suas dívidas eram confiscados os seus bens. Assim, não era pequeno o número de marginalizados, constituindo o nível inferior da sociedade, disponíveis a realizar trabalhos considerados desprezíveis: jornaleiros, indigentes, escravos, prostitutas, camponeses...

*Além de ser hierárquica, vertical e interconectada, a estrutura social era marcada pela hostilidade. Os escritos da elite indicam que eles desprezavam a não-elite. Um historiador social observa: ‘Podemos notar de passagem as categorias que são passíveis de escárnio: na cidade, artesãos insignificantes e gente sem local comercial fixo, os sem dinheiro; no campo, os camponeses; e, em todo lugar, os escravos, as crianças e as mulheres’.*⁷

Estas informações já permitem a percepção da realidade em que as comunidades cristãs estavam inseridas nas últimas décadas do primeiro século; proporciona uma melhor compreensão do conteúdo dos ensinamentos de Jesus, conforme resgatado pelo Evangelho de Mateus. São comunidades que não se conformam com o sistema dominante; são resistentes diante das perseguições e das dificuldades econômicas; e

⁵ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 37.

⁶ CARTER, 2002, p. 38-39.

⁷ MACMULLEN *apud* CARTER, 2002, p. 41.



não abdicam do esforço de abrir caminhos para novas relações sociais na fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo. Para este objetivo, torna-se prioritária a atenção com as pessoas em situação de necessidades, o que leva a preocupar-se com uma proposta viável e justa de administração dos bens. A parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16) deve ter exercido grande inspiração para isso.

4 Dos últimos aos primeiros

A parábola faz parte de um conjunto de exortações feitas por Jesus na Judeia (Mt 19-25), depois de ter exercido seu ministério na Galileia, onde fora criado e convivido com pessoas empobrecidas, vítimas do sistema político-religioso favorável aos poderosos. Os três ensinamentos que antecedem imediatamente a parábola estão bem relacionados com a mensagem nela contida: o jovem rico (19,16-22), o perigo das riquezas (19,23-26) e a recompensa pelo desprendimento (19,27-30). O jovem revela-se como um bom judeu, conhecedor dos mandamentos divinos conforme a Sagrada Escritura, mas não consegue desvencilhar-se do apego aos muitos bens que possui. Sua atitude oportuniza a Jesus dirigir-se aos seus discípulos para alertá-los, de forma contundente, sobre a enorme dificuldade de um rico entrar no Reino de Deus, sendo “mais fácil um camelo entrar pelo buraco da agulha...”. Partindo deste alerta de Jesus, deduz-se que a entrada no Reino de Deus está condicionada com o modo como são administrados os recursos materiais. Num contexto em que muitas pessoas não têm o mínimo necessário para saciar a fome, torna-se escandaloso o acúmulo de bens nas mãos de uma minoria.

O conteúdo presente no conjunto formado pelos capítulos 19-25 visa demonstrar a necessidade de mudança de critérios no que se refere ao relacionamento com o próximo, culminando na conhecida “parábola do juízo final” (25,31-46). Aí estão evidenciados os grupos que fazem parte das categorias dos “últimos”: os famintos, os sedentos, os forasteiros, os nus, os enfermos e os presos. O amor ao próximo necessitado torna-se possível somente com a libertação do apego aos bens materiais.

Estes grupos, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, estão intimamente relacionados com o mundo do trabalho, propriedade, emprego e desemprego. A situação de penúria pela qual passavam os



*pequenos agricultores, arrendatários e diaristas, podia facilmente levar às necessidades aí descritas*⁸.

A parábola dos operários da vinha expõe esta realidade vivida por muitas pessoas nas cidades do mundo greco-romano. As terras férteis concentravam-se nas mãos dos ricos e poderosos, obrigando os “últimos” a se concentrarem nas periferias das cidades, sobrevivendo como diaristas ou como escravos de patrões.⁹ Portanto, “há grande probabilidade de que o modo de descrever a contratação dos diversos grupos de diaristas não seja mero recurso literário, e sim, reflexo das péssimas condições a que eram submetidos”¹⁰.

O tempo de serviço diário era de 12 horas: das 6:00h. às 18:00h. O valor pago para quem trabalhasse o dia inteiro era de um denário, o que proporcionava a aquisição do mínimo vital. Sem este pagamento a família ficaria sem o recurso básico para o alimento cotidiano. Quem trabalhasse menos tempo, recebia um valor menor. Assim, os trabalhadores da última hora receberiam doze vezes menos do que os da primeira hora. É a lógica humana pressupondo que, deste modo, se cumpre o que é justo.

A parábola de Jesus introduz outro critério, que é tão antigo quanto o povo de Israel: o critério da necessidade. Está muito bem fundamentado no episódio do maná e das codornizes (Ex 16). Dirigindo-se ao povo maravilhado diante do alimento à sua disposição, Moisés disse-lhes: “Isto é o pão que o Senhor vos deu para vosso alimento. Eis que o Senhor vos ordena: cada um colha dele quanto baste para comer, uma medida por pessoa. Cada um tomará segundo o número de pessoas que se acham na sua tenda” (Ex 16,15-16).

A parábola, portanto, resgata o que os interlocutores de origem judaica – a maioria nas comunidades de Mateus – , deveriam estar conscientes. Deus, fonte de todos os bens, os disponibiliza para suprir as necessidades de todos os seus filhos e filhas. A administração destes recursos é tarefa de todos, especialmente dos que exercem alguma função de liderança no meio do povo: “Deem vocês mesmos de comer” (Mt 14,16). Deve ser realizada: 1º) conforme a vontade do Senhor: isso é

⁸ WEGNER, Uwe. Justiça para os desempregados: reflexões sobre Mt 20,1-15, in: *Revista Estudos Bíblicos*, n. 11, Petrópolis, Vozes, n. 11, 1986, p. 103.

⁹ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. A ética da sustentabilidade e da re-inclusão: uma leitura hermenêutica da Parábola dos trabalhadores da undécima hora (Mt 20,1-16), in: *Revista Estudos Bíblicos*, n. 117, Petrópolis, Vozes, n. 117, 2013, p. 74-82.

¹⁰ WEGNER, 1986, p. 99.



justiça; 2º) a partir dos últimos: isso é misericórdia; 3º) com a convicção de estar cumprindo o que é correto: isto é fidelidade. São três diretrizes fundamentais, próprias da tradição de fé judaica, conforme reveladas na Sagrada Escritura. Estão nas entrelinhas da parábola e explicitamente expostas no discurso condenatório das práticas legalistas dos escribas e fariseus, feito por Jesus no capítulo 23. De nada adianta um sistema político-religioso que cobra a observância de inúmeras normas e leis e despreza o que realmente é importante: “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23).

4.1 A justiça

A justiça é tema que perpassa toda a Bíblia. A palavra hebraica *çedaqah* aponta para a boa conduta conforme indicam os mandamentos divinos.¹¹ De modo especial, os que exercem cargos públicos, como os reis e juízes, têm a missão de exercer a justiça no meio do povo, “sem fazer distinção de pessoas e sem aceitar presentes, porque os presentes cegam os olhos do sábio e destroem a causa dos justos” (Dt 16,19). Os profetas denunciam, com veemência, as injustiças cometidas pelos governantes, explorando e oprimindo os pobres (cf. Am 5,7-15; Jr 22,13-19). A prática da justiça é condição para que Deus acolha as orações e ofertas da comunidade: “Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões... Não me agradam as vossas oferendas... Que o direito corra como a água, e a justiça como um rio caudaloso!” (Am 5,21-24). O profeta Isaías proclama que “o fruto da justiça será a paz, e a obra da justiça consistirá na tranquilidade e na segurança” (Is 32,17).

São muitos os textos da Sagrada Escritura que tratam de “justiça (*çedaqah*) e direito (*mišpat*¹²)” como condições para a vida digna e como prova de fidelidade à Aliança (Dt 16,19-20; Am 5,24; Os 2,21; Is 56,1; Jr 9,23; 22,3; Sl 33,5; 89,15...). Para os cristãos e cristãs, participantes das comunidades de Mateus e que eram perseguidos por causa da justiça (cf. Mt 5,10), estes textos deveriam exercer especial significado, assim

¹¹ Cf. VAN DEN BORN, A. Verbete: Justiça, in: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 858.

¹² “A palavra *mishpat* indubitavelmente representa aquilo que é a ideia mais importante para uma correta compreensão do governo – seja o governo do homem pelo homem, seja o governo de toda a criação por Deus... Tanto o verbo *shapat* (do qual deriva o substantivo *mishpat*), quanto o substantivo abarcam todas as funções de governo” (HARRIS, R. Laird et al. Verbete: *mishpat*, in: *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1604).



como foi para Jesus em seu ministério público. Por isso, o Evangelho retrata, com clareza, a rejeição da ideia de justiça proclamada pelos fariseus e seus escribas. Ela não pode ser entendida meramente como o cumprimento externo da Lei em seus mínimos detalhes.

As práticas legalistas desviaram-se do verdadeiro caminho de justiça revelado na Lei de Moisés (*Torah*), nos Profetas (*Nevi'im*) e nos Escritos (*Kethuvim*) ao longo da história de Israel. Para as comunidades de Mateus, quem resgatou o verdadeiro sentido foi Jesus. Ele veio “cumprir toda a justiça” (Mt 3,15) e anunciou como “bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6). No contexto das outras bem-aventuranças, de todo o sermão da montanha (Mt 5-7) e do conjunto da prática de Jesus, a justiça relaciona-se com as obras em favor da libertação e vida sem exclusão – dos últimos aos primeiros –, como foi evidenciado acima no breve comentário da parábola dos trabalhadores da vinha. Deve ser dada especial atenção às pessoas em situação de necessidades, mesmo que seja apenas de um copo d’água (cf. Mt 11,40-42), contradizendo o ensinamento dos mestres fariseus que, na defesa do sistema de pureza, excluía os “últimos”, ou seja, a série de pessoas consideradas “impuras”: pobres, doentes, mulheres, deficientes, estrangeiras... Ao contemplar os rostos desta gente, percebe-se a importância da advertência de Jesus aos seus discípulos: “Eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20).

4.2 A misericórdia

O termo hebraico *rahâmim*, traduzido por “misericórdia”, indica a sede dos afetos, conotada com “entranhas maternas”.¹³ Relaciona-se intimamente com o termo *hesed* que indica, na maioria das vezes, a conduta de Deus para com a pessoa necessitada. Também revela os favores que Ele realiza na história e na natureza. Neste sentido, o salmista manifesta louvor a Deus recordando inúmeras ações reveladoras de sua bondade ao longo da história de Israel: “... porque sua misericórdia é eterna” (Sl 136).

Sempre que uma pessoa ou o povo pede socorro a Deus, Ele age com misericórdia (cf. Gn 18,16-33; 34,5-10; Is 30,18...). “Lembremos que ‘misericórdia’ encerra dois substantivos latinos dentro de si:

¹³ Cf. VAN DEN BORN, 1977, p. 994.



miseria e cor... Misericórdia é isso: ter um coração para a miséria”.¹⁴ Mesmo quando pretende agir com rigor diante da infidelidade de Israel, o coração de Deus, abrasado pela ternura, o faz voltar atrás como declara através do profeta Oseias: “Como poderia eu abandonar-te, Efraim? Como poderia entregar-te, Israel... O coração se comove no meu peito, as entranhas se agitam dentro de mim” (Os 11,8).

A misericórdia está associada intimamente à prática da justiça. É toda boa ação realizada diante de Deus e do próximo, de modo especial quando este requer ajuda (cf. Ex 22,25-26). É a atitude assumida não por obrigação, mas por generosidade, assim como agiu o proprietário da vinha. É a maneira como o próprio Deus se comporta com os seus filhos e filhas: quanto mais desprotegida uma pessoa, tanto mais necessita de cuidados.

A misericórdia e a justiça são fundamentais para a promoção e conservação de boas relações no cotidiano da vida. As duas constituem a prova de verdadeira conversão, agradável a Deus: “Volta para o teu Deus, conserva o amor (*hesed*) e a justiça (*çedaqah*) e poderás confiar sempre no teu Deus” (Os 12,7). O profeta Oseias, sem dúvida, exerceu forte motivação para as comunidades de Mateus, na construção do projeto de vida como seguidores e seguidoras de Jesus. Por duas vezes, uma frase deste profeta sobre a misericórdia como vontade divina, é citada por Jesus. A primeira vez foi por ocasião de uma refeição na casa de Mateus em companhia dos “publicanos e pecadores” (cf. Mt 9,9-13). Criticado por alguns fariseus, Jesus lembra-lhes que “não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes. Ide, pois, aprender o que significa: ‘Misericórdia eu quero, não sacrifícios’” (Os 6,6).

A segunda vez, criticado novamente pelos fariseus pelo fato de os discípulos arrancarem espigas em dia de sábado, Jesus recorda-lhes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome: entraram na casa de Deus e comeram os pães da oferenda, o que lhes era proibido, pois somente os sacerdotes podiam comê-los (cf. 1Sm 21,2-7). Além disso, os sacerdotes para cumprir suas funções, obrigatoriamente precisavam trabalhar no sábado, violando a própria lei que impunham sobre

¹⁴ Cesário de Arles (séc. VI) afirma que “há a misericórdia terrena e a celeste, a humana e a divina. Qual é a misericórdia humana? Aquela que te faz olhar para as misérias dos pobres. E a misericórdia celeste? A que te concede o perdão dos pecados...”. WEGNER citado por PEREIRA, Ney Brasil. Misericórdia, amor, bondade: a misericórdia que Deus quer, in: *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, FACASC, n. 71, 2015, p. 132.



os outros. Jesus revela-se como sendo maior do que o templo e como Senhor do sábado. Esta autoridade é corroborada com ações cotidianas em favor da vida sem exclusão. Aos fariseus, então, dirige esta repreensão: “Se compreendêsseis o que significa: ‘Misericórdia eu quero, não sacrifícios’, não condenaríeis inocentes” (cf. Mt 12,1-8). Certamente, os participantes das comunidades de Mateus, sentiam-se contemplados nestas palavras. Excluídos e condenados pelo sistema político-religioso dominante, assumiam a fé em Jesus como único Mestre e Senhor.

4.3 A fidelidade

A fidelidade, na Bíblia, tem o sentido de “firmeza”, “solidez”, “resolução”, “segurança”, “veracidade”.¹⁵ *A Bíblia do Peregrino* traduz por “lealdade”. Assim a justiça e a misericórdia estão associadas à fidelidade (no hebraico: *'aman / 'emunah*) que é o que torna uma pessoa digna de fé. Plenamente justo e digno de fé é Deus que age fiel e lealmente com o seu povo, apresentando-lhe o caminho de vida. Por causa de sua fidelidade à Aliança, Deus oferece sólida segurança. O povo é chamado a acolher e a corresponder à iniciativa divina, mantendo-se fiel neste caminho.

Desde a formação do povo de Israel, Deus revelou-se como “Emanuel”, presente e atuante em vista da sua libertação, cumprindo suas promessas e apontando para a possibilidade de um mundo novo, onde “misericórdia e fidelidade se encontram, justiça e paz se abraçam”: é fruto da graça divina e da colaboração humana, pois “a fidelidade brota da terra e a justiça se inclina do céu” (Sl 85). Ney Brasil Pereira, exímio conhecedor da Sagrada Escritura, assevera que “a falta da fidelidade e da misericórdia equivale à falta do ‘conhecimento de Deus’ que, para Oseias, como para Isaías e Jeremias (22,16) e também para João (1Jo 2,3-4) se comprova na prática da justiça inter-humana”.¹⁶

Fidelidade, portanto, tem a ver com compromisso ético; radica-se na fé e na confiança absoluta em Deus, não como um ato meramente intelectual, mas por profunda convicção a respeito das verdades por Ele reveladas e que devem ser seguidas na prática cotidiana. Ao acreditar em alguém, a pessoa está assumindo e declarando que suas palavras são verdadeiras e seu agir é autêntico a ponto de transformar-se em guia para

¹⁵ Cf. MACKENZIE, John L. *Verbetes: Fé*, in: *Dicionário bíblico*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1978. p. 341.

¹⁶ PEREIRA, 2015, p. 131.



trilhar o caminho certo: merece ser ouvido com toda atenção, aceitá-lo e obedecê-lo. Assim, muito mais merece ser ouvida, aceita e obedecida a Palavra de Deus. Ela possui a autoridade de quem a pronuncia e, por isso, não pode ser mal interpretada ou manipulada, como faziam os escribas e fariseus: “[...] amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros das pessoas, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los... Guias cegos, coam o mosquito e engolem o camelo” (Mt 23,4.24).

A atitude do vinicultor, conforme descreve a parábola, está alicerçada na fidelidade ao que é irrenunciável: a atenção prioritária aos que pertencem à categoria dos “últimos”. Esta prioridade, no entanto, não significa exclusividade. É a maneira certa de agir, tendo em vista a fraternidade. Esta foi a característica marcante do ministério de Jesus que as comunidades de Mateus procuraram assumi-la, com firmeza, dentro do novo contexto em que se encontravam.

5 Os bens a serviço da vida

Estas três diretrizes constituem-se em fio condutor de toda a narrativa do Evangelho de Mateus, dando pleno cumprimento à Lei e aos Profetas (cf. Mt 5,17). Aí está a proposta apresentada como caminho de uma nova sociedade, testemunhada pelas comunidades cristãs, a *ekklesia*¹⁷. Ao se reunirem para celebrar a memória de Jesus Cristo, os participantes da *ekklesia* buscavam construir um estilo de vida coerente com os ensinamentos que Ele deixou. Mateus demonstra grande preocupação com os pequenos e pobres, vítimas do sistema político-religioso estabelecido segundo os interesses da elite. Basta conferir o conteúdo proclamado no sermão da montanha (Mt 5-7).

Jesus conhecia muito bem as situações de opressão e penúria em que vivia grande parte da população, causadas pelo sistema político-econômico dominante; sabia como os escribas e fariseus usavam a Sagrada Escritura e a interpretavam de acordo com os seus próprios interesses. Assumiu, então, a dor do povo e proclamou o Reino de Deus como um projeto de inclusão social para todas as pessoas. Dedicou-se, sobretudo, para a formação de uma nova consciência junto aos seus discípulos e

¹⁷ A palavra *ekklesia*, entre os evangelhos, encontra-se somente em Mateus (16,18 e 18,17). Derivado do grego, o termo significa “chamados para fora”. Nas cidades gregas, os cidadãos eram convocados para a *ekklesia* (assembleia do povo) com o objetivo de decidir coletivamente sobre questões de interesse comum. (VAN DEN BORN, 1977, p. 709).



discípulas. Seus ensinamentos, por palavras e ações, têm em vista a vida digna de cada ser humano, independente de sua origem, de sua cultura ou de sua religião. Para isso, obrigatoriamente, faz-se necessário um novo jeito de administrar os bens que Deus proporciona a toda a humanidade.

Conforme a parábola citada, o comportamento do proprietário da vinha indica o caminho a ser trilhado por todas as pessoas de boa vontade e que desejam um mundo novo: o ser humano não pode ser qualificado segundo sua produção, seus dotes ou seus méritos; também não pode ser “deixado” na praça, curtindo a sua inutilidade. O próprio senhor da vinha (e não um dos seus empregados) foi ao encontro dos que estavam à espera de um convite. Ele o fez nas diversas horas do dia, a fim de que todos pudessem colaborar sem se importar com o quanto. Na hora do pagamento é que se manifesta claramente o objetivo principal da parábola: nenhuma pessoa pode ser excluída do recurso necessário para a sua vida.

Os “primeiros” não se conformam com esta prática. A ideia que possuem de justiça não é a mesma do viticultor: ainda fazem distinção de pessoas segundo os méritos de cada uma. Voltados sobre si próprios não conseguem agir com misericórdia: seu coração ainda não se abriu para as necessidades de cada pessoa. Sem essa sensibilidade torna-se impossível a compreensão e a fidelidade ao projeto do Reino de Deus pelo qual Jesus entregou sua vida.

Considerações finais

Sabemos que o gênero das parábolas permite diversas interpretações. Nem todas, porém, seguem “o Espírito que comunica a vida” (2Cor 3,6). Um sentido que, certamente, as comunidades de Mateus assumiram a respeito desta parábola é o que hoje alguns investigadores também adotam, chamando-a de “Parábola do patrão que queria trabalho e pão para todos”.¹⁸ Foi essa a linha que procurei seguir neste artigo. Essa interpretação faz ainda mais sentido se relacionada com o conjunto não só do Evangelho de Mateus, mas também dos demais. Acompanhando com atenção as ações e os discursos de Jesus, percebe-se a sua opção fundamental pelas pessoas empobrecidas e marginalizadas, ou seja, é nítida a sua predileção pelos “últimos” ou “pequeninos”. Chega à exultação de alegria e à manifestação de louvor ao Pai pelo dom da sabedoria a eles

¹⁸ Cf. PAGOLA, José Antônio. *Mateus: o caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 241.



concedido (cf. Mt 11,25-27); defendo-os, protege-os e condena veementemente aquele que age provocando-lhes escândalo (18,5-11).¹⁹ Com eles, Jesus se identifica de tal modo a ponto de afirmar: “... o que fazeis a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fazeis” (cf. 25,40).

Ao longo de toda a história de Israel, Deus revelou-se como o *Go'el*, resgatador da vida e dignidade dos excluídos. Este é o rosto de Deus revelado também na vida e no ministério de Jesus de Nazaré.

*Na compaixão e na misericórdia de Jesus com os marginalizados e na severidade com os chefes da religião dos judeus, Deus se revela como o Deus dos excluídos. Isso foi tão marcante na história de Jesus que todos os evangelistas entenderam que nos excluídos e através deles se dava a revelação da divindade e messianidade de Jesus e, portanto, também de Deus Pai e do seu Espírito.*²⁰

É com os “últimos” ou os “pequeninos” que o Evangelho de Mateus quer manter um diálogo, motivando-os a não abdicarem do seguimento de Jesus Cristo com o seu projeto de vida digna para todos. De fato, “Jesus apresenta os excluídos como os atuais e futuros juízes da realização do seu Reino... Serão eles que decidirão sobre nosso ingresso ou exclusão do Reino definitivo”.²¹ É neste sentido que a parábola dos operários da vinha está emoldurada na dupla proclamação subversiva da mentalidade dominante: “Muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (19,30) e, no final: “Eis como os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos” (20,16). O “como” este projeto se efetiva é o que a parábola procurou indicar.

Deduz-se que as comunidades de Mateus entenderam a proposta de Jesus e procuraram, com determinação, promovê-la mesmo dentro de um contexto de extremas dificuldades. Não deixa de ser uma importante indicação para o caminho a ser seguido nos tempos atuais, não só pelas comunidades cristãs, mas também por todas as pessoas inconformadas com os sistemas que produzem a exclusão e a morte de multidões. Com o papa Francisco, “desejamos ardentemente que, neste tempo em que nos

¹⁹ “Se a pequenez tematizada era de ordem socioeconômica, o que – no mínimo – não pode ser excluído por princípio, então o escândalo, desprezo e a falta de cuidado poderiam revelar a insensibilidade da comunidade frente a necessidades desta ordem” (WEGNER, 1986, p. 104).

²⁰ FELLER. Vitor Galdino. *A revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 97.

²¹ FELLER, 1995, p. 98.



cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade”.²²

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 jun. 2022.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

CNBB. *Ele está no meio de nós! O semeador do Reino: o Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulus, 1998.

FELLER, Vitor Galdino. *A revelação de Deus a partir dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

GALAZZI, Sandro. *O evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninhos*. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Santuário, 2013.

HARRIS, R. Laird *et al.* Verbete: *mishpat*, in: *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS – IHU. *Brasil no mapa da fome, o desperdício e a economia circular*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619831-brasil-no-mapa-da-fome-o-desperdicio-e-a-economia-circular>. Acesso em: 26 jun. 2022.

MACKENZIE, John L. Verbete: Fé, in: *Dicionário bíblico*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1978.

MAZZAROLO, Isidoro. A ética da sustentabilidade e da re-inclusão: uma leitura hermenêutica da Parábola dos trabalhadores da undécima hora (Mt 20,1-16), in: *Revista Estudos Bíblicos*, n. 117, Petrópolis, Vozes, n. 117, 2013.

PAGOLA, José Antonio. *Mateus: o caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013.

²² FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, São Paulo: Paulus, 2020.



PEREIRA, Ney Brasil. Misericórdia, amor, bondade: a misericórdia que Deus quer, *in: Revista Encontros Teológicos*, n. 71, Florianópolis, FACASC, n. 71, 2015, p. 125-138.

STORNILOLO: Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. Série “Como ler a Bíblia”. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

VAN DEN BORN, A. Verbetes: Igreja, justiça, misericórdia e fidelidade, *in: Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

WEGNER, Uwe. Justiça para os desempregados: reflexões sobre Mt 20,1-15, *in: Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, n. 11, 1986.